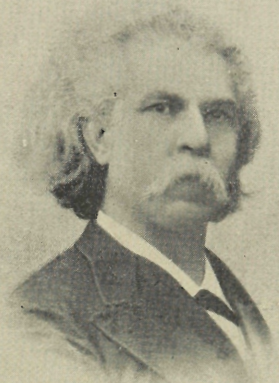




Bittencourt Sampaio

Aos meus amigos e parentes
Mansel F. Mendes e sua Senhora
+ filhos



Lembrança do Tito e Vovô
Tonico, chamado

Carlos Gomes
Campinas 22-11-89

Carlos Gomes

O Hymno Academico

Dr. Francisco Morato

Registramos hoje nas paginas da *Revista da Faculdade* a nossa tradicional canção academica, musica de Carlos Gomes e letra de Bittencourt Sampaio, com os retratos do compositor e do poeta.

Registrando-a, vem a lanço referir em largas linhas em que data e circumstancias se deu seu apparecimento.

Carlos Gomes veio a S. Paulo pela primeira vez em 1859, com a idade de 23 annos, graças a insistencias e companhia de Henrique Luiz Levy.

Carlos Gomes era natural e domiciliario de Campinas, onde fazia parte da banda de musica e orchestra de regencia de seu pae, o distincto professor Manoel José Gomes, em cuja casa residia e na qual foi conhecel-o Levy, musico como elle e apaixonado tocador de clarinete.

Levy viera para o Brasil em 1848, entregando-se á profissão de negociante ambulante de joias. Nos seus vaivéns e viagens continuas, em que não abandonava o instrumento de sua predilecção e fiel companheiro de seus ocios, foi ter em 1856 a Campinas, hospedando-se em casa de Manoel José Gomes. Foi quando conheceu o futuro auctor do drama lyrico do Guarany. Musicos ambos, entraram logo em entretenimentos musicaes, um executando peças de clarinete, outro acompanhando-as ao piano, e em relação de intimidade que se converteram a breve trecho em uma amizade profunda, que só se apagara com a morte e que iria exercer uma influencia decisiva na gloriosa carreira do genial maestro campineiro.

Henrique Luiz Levy é uma figura extremamente sympathica nos fastos e historia de S. Paulo. A recommendal-o á gratidão e estima dos paulistas, bastaria o facto de haver sido o amigo devotado e intelligente, que comprehendendo a vocação e talentos de Carlos Gomes, o lançara no mundo artistico, arrancando-o do ambiente provinciano em que vivia e levando-o para a Capital do Imperio, que foi o vestibulo do theatro de suas victorias e esplendores.

Em 1858 fixara-se Levy em S. Paulo, continuando por mais alguns annos com suas ambulções até que mais tarde estabeleceu-se na antiga Rua da Imperatriz, actual Quinze de Novembro (no sitio onde demora o Banco Francez e Italiano) com uma importante casa de musicas, pianos e instrumentos musicaes, centro de reunião e palestras dos intellectuaes da Paulicéa, particularmente dos artistas e diletantes. Tinha ao lado um botequim, onde introduziu o uso do gelo, que fazia vir dos Estados Unidos, e da venda de café em chicara.

Foi ahi que estacionou Carlos Gomes em 12 de setembro de 1880, um domingo, quando, chegado da Italia, desembarcando na Estação do Norte e caminhando a pé para o centro da cidade, envolto nos applausos ruidosos e delirantes da multidão, teve de ouvir o imaginoso e ardente discurso com que em nome do povo o saudara o academico Affonso Celso Junior.

Em uma carta publicada em 1913 na Bahia, na obra "Um Artista Brasileiro" de Boccanera Junior, narra o proprio Levy como conseguiu em 1859 tirar de Campinas o maestro, que com elle travara amizade affectuosissima e a elle dedicara varias composições, entre as quaes uma grande missa de S. Sebastião.

Eis uns topicos da missiva:

"Um dia, estavamos no jardim da casa de Gomes, eu deitado em baixo de uma arvore, Carlos colhendo flores e fructos, quando de repente chamei o Tónico e perguntei-lhe:

— Sabe você o que é *theatro lyrico*?

Voltou-se o rapaz para minha frente e respondeu-me:

— Ora, Henrique, eu ainda tenho esperança de algum dia me achar sentado na platéa de um grande *theatro* da Europa, apreciando a execução de uma *opera* minha, por grande *orchestra* e bons cantores.

Retirando-me de Campinas no dia immediato, ao despedir-me de Manoel Gomes, o velho pae do Tónico, pedi-lhe que me confiasse o rapaz, pois desejava leval-o para o Rio, afim de mostrar-lhe o que era uma *opera lyrica*, já que lhe notava possuir muito talento.

O velho amigo objectou-me que o Tónico lhe fazia muita falta, não podendo deixal-o sair, por algum tempo que fosse.

Finalmente, depois de muito insistir, reiterando o pedido, o amigo deixou-se convencer e consentiu, ficando eu obrigado a levar novamente o Tónico para Campinas, depois de nossa volta do Rio, para onde eu devia ir a negocios relativos á minha profissão.

Retirei-me no dia seguinte com o Tónico e o Juca (seu irmão), com destino a S. Paulo, onde nos demoramos 15 dias”

* * *

Foi nesses quinze dias que se compoz e cantou pela primeira vez o Hymno Academico.

Formavam os estudatnes de direito uma classe de alto prestígio e elegancia na sociedade paulistana. Em numero de cerca de duzentos áquelle tempo, pertencentes na grande maioria á elite da nacionalidade brasileira, votados á carreira das lettras e ás profissões liberaes, constituindo o seminario dos grandes estadistas e mentores da patria, no seio

de uma população reduzida e fortemente saturada do genio e altivez dos bandeirantes, era natural que fossem requestados e attrahissem a attenção geral nos theatros, diversões publicas, bailes, festas e reuniões mundanas. Moravam em pensões ou agrupados em residencias proprias a que a giria dá até hoje o nome de “republicas”, onde tinham de uso guardar o sentimento de hospitalidade brasileira e receber os intellectuaes que se mesclavam no convivio estudantino.

As “republicas” tomavam em geral, cada qual dellas, o nome do mais qualificado de seus habitantes.

Chegando a S. Paulo, Carlos Gomes, a convite dos quint’annistas Bittencourt Sampaio e Azarias Botelho, hospedou-se com elles na “republica” do estudante bahiano José Gonçalves da Silva, na rua São José (Liberio Badaró).

Nessa “republica” reputada de *luxo*, pois possuia um velho piano-armario, e nesses dias escreveu Bittencourt Sampaio as oitavas e compoz Carlos Gomes ao piano a musica que formam o Hymno Academico, assim como escreveu o primeiro a lettra e compoz o segundo a musica da bella modinha “Quem sabe”, vulgarmente conhecida pelo canto inicial “Tão longe de mim distante”

Logo depois, os estudantes sob a direcção de Levy organizaram um concerto, em que predominaram composições ineditas do alvorecente maestro campineiro e a que compareceu numerosa assistencia, uma *enchente á cunha*, conforme se póde avaliar pela renda, que foi de 1:200\$000 — quantia assaz elevada para o tempo.

Realizou-se a festa na *Casa da Opera*, o *Theatrinho do Palacio*, onde está edificada hoje a Secretaria da Fazenda e onde na noite de 7 de setembro de 1822, do camarote n.º 11 o padre Ildefonso Xavier Ferreira e o alferes Thomaz de Aquino e Castro, aos brados de “Independencia ou Morte”, proclamaram primeiro rei do Brasil o Principe D. Pedro de Bragança.

Ouviu-se então pela primeira vez o *Hymno Academico*, cantado em coro pelos estudantes de direito.

Foi isso em março ou começo de abril de 1859.

A audição se teria feito pelo original da letra e da composição, porque os versos sò foram publicados nos ns. 1 e 2 dos Ensaio do Atheneu Paulista, de abril e maio daquelle anno, e a musica posteriormente no Rio de Janeiro, pela Casa Arthur Napoleão, por não haver ainda lithographia em S. Paulo.

Depois do concerto, Levy e Carlos Gomes partiram para Santos e dali para o Rio de Janeiro, onde o segundo começou a frequentar o Conservatorio e as licções do professor Giannini, fixando moradia na residencia de Azarias Botelho.

* * *

A letra do hymno compunha-se inicialmente de cinco estancias em oitava, a que o mesmo poeta accrescentou quatro annos depois, em 1863, uma sexta, que nas publicações conhecidas figura intercallada sob n.º 4 entre as estrophes (Vid. os versos em SPENCER VAMPRE': *Memorias para a Historia da Academia de S. Paulo, volume 1.º, pag 462*).

Este additivo allude claramente á questão Christie e foi inspirado pela dôr que sangrava o patriotismo nacional ante o golpe de orgulho e prepotencia que nos havia vibrado a Inglaterra, por motivo dos incidentes do naufragio da barca *Prince of Wales* na costa do Albardão e do justificado enclausuramento de uns officiaes da marinha de guerra britannica em um posto policial do Rio de Janeiro.

A poesia em seu conjuncto, com as seis oitavas, constitue a letra genuina e definitiva da canção academica; é a expressão do espirito que enchia o ambiente e dominava a alma da mocidade e dos patriotas daquelles tempos.

Seria um ultraje á memoria dos antepassados, uma falta de senso esthético, um deploravel deslize litterario, querer corrigir-lhe a fórmula, adelgaçar-lhe o pensamento ou burnir-lhe a metrica.

Ultimamente pensou-se em adoptar a canção como hymno da Universidade. Levada a idéa ao Conselho Univer-

sitario, deliberou-se alli substituirem-se as estancias, abrindo-se para isso concurso entre os poetas do dia.

A deliberação provocou geraes protestos e decisiva repulsa. O Reitor da Universidade não abriu o concurso; a Faculdade de Direito tornou publico que de modo algum consentiria em semelhante cousa; a mocidade da gloriosa Academia clamou vehemente. A idéa succumbiu nem bem nascida.

Nossa tolerancia ou pensamento era para que se adoptasse na Universidade de S. Paulo, parallelamente com a Faculdade de Direito, a famosa ode lyrica, como era, como é, como sempre ha de ser, com a mesma letra e musica, e nunca para que se a profanasse com palavras alheias, que jámais lograriam ter a elevação, sentido e actualidade dos inspirados versos de Bittencourt Sampaio.

As obras de imaginação reproduzem sempre os sentimentos e paixões de um dado cyclo no evoluir dos tempos; querer corrigil-os ou transformal-os, seria o mesmo que pretender mudar na historia o curso dos acontecimentos, a significação dos factos e as manifestações da actividade humana.

Expor-se-ia ao ridiculo quem pensasse em affeição ao gosto ou pretenções dos modernos belletristas a *Illiada* de Homero, as *Metamorphoses* de Ovidio, a *Eneida* de Virgilio, a *Divina Comedia* de Dante, o *Paraizo Perdido* de Milton ou os *Lusiadas* de Camões.

E que ha de extranhar nas estrophes do poeta sergipano?

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, natural de Laranjeiras, Sergipe, fez o curso de direito dentro do periodo de maior esplendor da velha Academia de S. Paulo. Como poeta, delle dizem Sylvio Romero e João Ribeiro que talvez houvesse sido o melhor do Brasil sob o aspecto do lyrisimo local, do apego ao tradicionalismo e do gosto das scenas campestres e populares. Os versos que metrificou para o hymno vêm se fazendo ouvir nas vozes da mocidade academica desde 1859 até os nossos dias. Recitaram-nos os

maiores vultos da intellectualidade patria; cantaram-nos Fagundes Varella, Castro Alves, Brasílio Machado e outros grandes poetas.

Só hoje é que o espirito alfeninado da poesia lhes descobriu senões?

Não; nada se alterará.

O *Hymno Academico* faz parte do patrimonio da Faculdade de Direito; é de sua propriedade artistica e litteraria, garantida por nossa legislação.

E' para o tempo um primor na musica e na lettra, testemunho do genio e inspiração do maestro e do poeta.

A proposito dos meritos de Bittencourt Sampaio, pretendem alguns haver sido demasiado benevolente o juizo de seus conterraneos Sylvio Romero e João Ribeiro.

Nada de mais injusto.

Sobre os dotes litterarios do vate sergipano escreveram Salvador de Mendonça, Innocencio da Silva, Eunapio Deiró, Sacramento Blake, Valentim Magalhães e outros criticos. Macedo Soares (Antonio Joaquim), grande jurisconsulto e homem de lettras, colloca-o, como poeta lyrico nacional, em primeiro lugar logo abaixo de Gonçalves Dias. E' de resto a opinião dos que conhecem suas obras e particularmente o mimoso volume das "Flores Sylvestres"

Por occasião das homenagens funebres a Gabriel Rodrigues dos Santos, lente de nossa Faculdade, em 1858 (Dictionario Bio-bibliographico Sergipano), recitou Bittencourt Sampaio uma commovente poesia, que causou profunda sensação e deu com o primeiro quarteto o introito para todas as orações necrológicas da época:

Morte! palavra que traduz mysterio!
Sombra nas trevas a vagar perdida!
Pallido cyrio de clarões funereo!
Negro phantasma que se abraça á vida!

Em Congregação dos Professores, celebrada em 1.º de fevereiro p. p., fizemo-lhes a seguinte communição:

“Participou o dr. Director que, relativamente á lembrança que levava ao Conselho Universitario de adoptar-se como hymno da Universidade o hymno academico da Faculdade de Direito, musica de Carlos Gomes e lettra de Bittencourt Sampaio, vae propor ao mesmo Conselho fique sem effeito a idéa, á vista da infeliz deliberação que alli se tomara, de abrir-se concurso para composição de uma nova lettra, substituitiva da tradicional.

A Faculdade não pode apadrinhar as criticas desarrazoadas que têm alguns feito ás historicas estrophes de Bittencourt Sampaio nem consentir que se mutile o hymno, alterando-lhe ou substituindo-lhe as estancias e estribilhos. Como Director, vae pedir ao Conselho que desista da idéa e, se o Conselho persistir, tratará de impedir, ainda que por meios judiciaes, que se cante officialmente a composição de Carlos Gomes com lettra extranha. O hymno faz parte da propriedade artistica da Faculdade e o hymno, como propriedade, é o conjuncto da musica e dos versos que se compuzeram originalmente. A Congregação approvou, tambem por unanimidade de votos, o modo de ver e attitude do seu Director”.

O *Hymno Academico* é hoje, como sempre foi, propriedade exclusiva da Faculdade de Direito, com a mesma lettra e musica com que appareceu em 1859.

Assim é; assim ha-de sempre ser.

Hymno Academico

(Letra de BITTENCOURT SAMPAIO)

Sois da patria esperança fagueira,
Branca nuvem de um roseo porvir;
Do futuro levas a bandeira,
Hasteada na frente a sorrir.

Mocidade, eia avante, eia avante!
Que o Brasil sobre vós ergue a fé;
Esse immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé!

O Brasil quer a luz da verdade,
E uma corôa de louros tambem,
Só as leis, que nos deem liberdade,
Ao gigante das selvas convém.

Vossa estrella reluz radiante,
Oh! ergueia-a vós todos, com fé,
Esse immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé!

E' nas letras que a patria querida
Ha de um dia, fulgente, se erguer,
Velha Europa, curvada e abatida,
Lá de longe que inveja ha de ter!

Nós iremos marchando adeante,
Acenando o futuro com fé.
Esse immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé!

Orgulhoso o bretão lá dos mares
Respeitar-nos então ha de vir.
São direitos sagrados os lares,
Nunca mais ousarão nos ferir.

Auri-verde pendão fulgurante,
Hasteae-o, mancebos com fé,
Esse immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé!

São immensos os rios, que temos,
Nossos campos quão vastos que são!
As montanhas tão altas, que vemos,
De um futuro bem alto serão.

O futuro não vae mui distante
Já podeis acenal-o com fé.
Esse immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé!

Nossos paes nos legaram, guerreiros,
Honra e gloria, virtude e saber;
Nós, os filhos de paes brasileiros,
Pela patria devemos morrer.

Mocidade, eia avante, eia avante!
Que o Brasil sobre vós ergue a fé.
Esse immenso colosso gigante
Trabalhae por erguel-o de pé!

Hymno Academico

(Musica de CARLOS GOMES)

VOZ

PIANO

The musical score is written for voice and piano. It begins with a key signature of one flat (B-flat) and a common time signature (C). The piano part starts with a fortissimo (*ff*) dynamic. The score is divided into four systems. The first system shows the vocal line and the piano accompaniment. The second system features the piano part with markings for *espress.* and *p*. The third system includes the marking *estrepitoso*. The fourth system contains the vocal line with the lyrics "Sois da Pa.tria es pe.rança fa.guel... ra Bran.ca" and the piano accompaniment with markings for *ff* and *p*.

nu vem de um ro' sea por vir Do fu. tu. ro te vais a ba.

dei ra Has. te . a . da na frente a sor. vir Mo. ci.

da . de cia a van. te cia a van. te Que o Bra. zil so. bre vós ergue a

te *cresc* Es. se im. men. so co. tos. so gl. gan ... te tra. ba. *sfz*

ibae por er-gue-la de pé

This system contains a vocal line and piano accompaniment. The vocal line begins with the lyrics "ibae por er-gue-la de pé". The piano accompaniment features a rhythmic pattern of eighth notes in the right hand and a more complex accompaniment in the left hand.

Coro
Mo. o
brilhante
com

This system continues the musical score. It includes a vocal line and piano accompaniment. The piano part has a section marked "brilhante" (brilliant) and another marked "com". The word "Coro" (Chorus) is written above the vocal line, and "Mo. o" is written below it.

da... de ei a avan-te ei a van te Que o Brazil, sobre vós er-gue a

brilhante

This system continues the musical score. The vocal line has the lyrics "da... de ei a avan-te ei a van te Que o Brazil, sobre vós er-gue a". The piano accompaniment is marked "brilhante".

te Es se immen-so rolos... so gi-gan..... te traba

cres

This system concludes the musical score on this page. The vocal line has the lyrics "te Es se immen-so rolos... so gi-gan..... te traba". The piano accompaniment includes a section marked "cres" (crescendo).

thae por er-gue-lo de pe

brilhante

The first system of music features a vocal line on a single staff and a piano accompaniment on two staves. The vocal line has the lyrics "thae por er-gue-lo de pe". The piano accompaniment includes a melodic line in the right hand and a rhythmic accompaniment in the left hand. The word "brilhante" is written below the piano part.

The second system continues the piano accompaniment from the first system, showing the right and left hand parts with various musical notations such as slurs and ties.

The third system continues the piano accompaniment. It includes a *DC. 2.* marking above the right-hand staff, indicating a double bar line with repeat dots.

The fourth system is labeled "Para finalizar" (For finishing) and shows the concluding piano accompaniment with various musical notations.

